

LEILA DINIZ, LIBERDADE E SUBJETIVIDADE

JOSÉ AMÉRICO PESSANHA

Somente a vi uma vez. Era época de carnaval. Perto de casa, ao chegar à rua dos Jangadeiros, em Ipanema, encontrei a alegre multidão. A Banda de Ipanema ia desfilando. No alto de um carro, Carmen Miranda ou rumberia, cercada de bananas, deusa tropicalíssima, lá estava a rainha da festa: Leila Diniz. Ria, ria, um riso cândido e sapeca, mulher-criança. Fiquei olhando algum tempo, contagiado. Até que o bando afinal se afastou, céu azul, sol quente. Segui noutra direção, bem menos divertida. Mas a imagem da esfuziante procissão pagã a levar em seu ândor profano aquele riso luminoso - de rainha da banda ou da vida? - guardei para sempre.

Dela bem pouco sabia. Conhecia a fama, que fora minha aliada. Nem acompanhava seus trabalhos nas telenovelas da época: não tinha ainda - nem desejava ter - o secador e liquidificador eletrodoméstico, que mesmo hoje uso com parcimônia e com fundada desconfiança. Mas recordo-me claramente da tarde deliciosa que passei num cinema de Botafogo, assistindo a *Todas as Mulheres do Mundo*. Impressionantemente solta, vital, espontânea, vivendo-se a si mesma, lá estava Leila na tela, professora-criança entre crianças, mulher-sereia a se banhar no mar onde penetrava como em seu próprio reino, tão seu quanto de Poseidon ou Termanjá.

Tempos depois, nas revistas e jornais: a foto. Perplexos e, alguns como eu, encantados, contemplamos Leila uma vez na praia, num momento de plenitude: a ostentar sorridente, desafiante, com desconcertante naturalidade para a época, a barriga enorme, indisfarçada, confissão de amor consumado, anúncio de vida que se renova e se multiplica.

Nascer em 45, como Leila, significa vir ao mundo no momento em que a derrota do nazismo na guerra promete o fim da truculência, do autoritarismo, de odiosos preconceitos. E no entanto, ter dezenove anos em 64 é ver, na flor da idade, o autoritarismo, a opressão, a tortura se instalarem no Brasil, com a chegada dos anos de chumbo da ditadura militar. Censura, silenciamento, banimento e, em muitos casos, "servidão voluntária". Mas há

os que resistem. Muitos jovens - até com menos de dezenove anos - se dispõem a enfrentar a situação, construindo diferentes armas e estratégias de luta. E dessa forma chega-se às contestações de 68, com um movimento estudantil politizado e fortalecido, com professores, intelectuais, artistas e religiosos unidos pelo ideal de reconquista da liberdade: de ser, pensar, criar, agir, expressar-se. As manifestações de rua, sobretudo no Rio e em São Paulo, são percebidas pelos usurpadores do poder como real ameaça. E a resposta desaba implacável sobre os contestadores munidos apenas de palavras, cantos, representações teatrais, faixas, folhetos: defesas simbólicas do direito, da liberdade e da justiça em contraposição às bombas de gás, à cavalaria, aos tiros.

Nesse contexto, onde Leila? Não sei de registros de sua presença em passeatas ou assembléias. É até possível que, para alguns, tenha sido vista como omissa. E, no entanto, a seu modo, como antes e depois de 68, contestava. É que seu próprio modo de ser e de agir sempre fora e continuará sendo um manifesto contra preconceitos e opressões. Pois a liberdade não é conquistada apenas no espaço público e em função de direitos políticos.

Aquela geração que lera Sartre e Simone de Beauvoir sabia: estamos condenados à liberdade e, embora vivamos sempre "em situação" e, portanto, como seres políticos, há uma dimensão da liberdade que é estritamente pessoal, que nos diz respeito nas múltiplas escolhas do dia-a-dia. Há um viver livre que talvez seja mais difícil de conquistar no nível do comportamento pessoal e da vida privada do que aquele que é proclamado em panfletos. Quem não conhece os libertários no plano político que exercitam a tirania e a opressão na vida pessoal, no âmbito da família, do trabalho, da vida afetiva? Frequentemente, em 68 como em qualquer ano, há os que exaltam a liberdade e a democracia na praça, praticando o despotismo em casa, no escritório, na alcova. E não será mesmo mais fácil carregar uma faixa em passeata que despojar-se de preconceitos fundadores do autoritarismo? Na verdade, é apenas aparente a contradição entre a liberdade proclamada e a repressão exercida...